

Ciência e literatura

Apresentação

Há quase cinquenta anos Charles Snow e Aldous Huxley publicaram obras fundamentais sobre as complexas relações entre ciência e literatura. Há quase quarenta anos Ezio Raimondi e Paolo Rossi tornaram públicas na Itália as fundamentais considerações sobre as “duas culturas”, retomando e desenvolvendo ideias anteriores de Hermann Broch e Marjorie Nicolson, entre outros notáveis estudiosos do tema. Igual relevância possuem os inúmeros ensaios que Umberto Eco publicou nas últimas décadas sobre a presença da ciência na prosa e na literatura, não apenas italiana. Por que então retomar a polêmica e publicar mais um volume de ensaios sobre o assunto?

Consideramos que a resposta se encontra nos próprios ensaios que constituem o dossiê do presente volume. Todos eles demonstram claramente que a questão está muito longe de ser resolvida. Do primeiro ao último ensaio, o leitor encontrará a prova de que o campo de investigação ainda é bastante vasto no que diz respeito aos desencontros e sintonias entre literatos e cientistas. Encontrará ainda literatos que contemporaneamente foram cientistas ou estudiosos leigos do assunto, mencionados, por exemplo, tanto no ensaio de Andrea Battistini, professor da Universidade de Bolonha e um dos maiores estudiosos do assunto, como no de Jacques Fux, a respeito de Calvino e Queneau. Os nossos leitores poderão também observar os modelos científicos e elementos tecnológicos que plasmaram romances e contos de escritores como Pynchon e Kafka, respectivamente nos ensaios de Pedro Dolabella Chagas, Saulo Brandão e Thiago dos Santos.

Na verdade, para o leitor que nos acompanha, o dossiê deste volume retoma e amplia parte do que já existia no número anterior, que se referia às vanguardas e destacava o futurismo. O futurismo, filho direto da revolução científico-tecnológica, também está presente no citado ensaio de Andrea Battistini, além de merecer referências esparsas em quase todos os demais ensaios.

A literatura brasileira comparece no dossiê com a instigante análise feita por Diana Toneto do Canto II do poema *A máquina do mundo*, de Haroldo de Campos. A ensaísta esmiúça os versos de Haroldo de Campos, põe em evidência as referências a clássicos da literatura universal como *A Divina Comédia* e *Os Lusíadas* e destaca, enfim, as referências à origem do cosmos e à encruzilhada em que se encontra a ciência no “límen do milênio”.

Certamente os leitores que ansiosamente esperavam de um volume sobre ciência e literatura referências à ficção científica, não ficarão decepcionados com o ensaio de Maria Márcia Matos Pinto sobre a prosa de Nathaniel Hawthorne, ou com as considerações de Battistini sobre os contos de ficção científica de Primo Levi, Buzzati,

Calvino e de outros escritores italianos do pós-guerra. A Calvino refere-se também o trabalho de Cláudia Vilarouca sobre as *Cosmicômicas*, brilhante livro de contos que prefere fantasiar sobre os primórdios da humanidade, em vez de especular sobre o futuro.

Esperamos que igualmente satisfeitos fiquem os que buscam trabalhos sobre as intrincadas relações entre filosofia, ciência e literatura, pois encontrarão no ensaio de Cícero Cunha Bezerra a sondagem das ideias de Nietzsche e Heidegger sobre o delicado tema. De cunho teórico, o aprofundado ensaio de Samira Murad e Renato Vicente, sobre a difícil convivência entre dois setores tão diferentes da cultura, e as considerações de Otávio Guimarães sobre a moderníssima poesia digital.

Finalizando o volume, a seção livre traz o ensaio de Rogério Puga sobre *A maior flor do mundo*, de José Saramago, a análise de *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector, e as considerações teóricas sobre a hermenêutica na literatura, preenchendo possíveis lacunas no desejável objetivo de amplitude de temas e do maior número possível de escritores e de tendências literárias.

Gostaríamos de agradecer a todos que nos enviaram contribuições, aos pareceristas que nos ajudaram na seleção dos ensaios, a Tânia Zambini pela normalização da revista, à estagiária Ticiani Meneses de Araújo e aos funcionários do Laboratório Editorial da FCL da UNESP de Araraquara.

Araraquara, agosto de 2011

Os editores